



**KNAPPETT: Carl. An Archaeology of Interaction. Network Perspectives on Material Culture and Society. Oxford: Oxford University Press: 2011**

**Grégoire van Harve  
PPGARQ, UFPE**

Em *An Archaeology of Interaction*, Carl Knappett, Professor do Departamento de Artes da Universidade de Toronto, introduz o tema das interações e destaca seu papel fundamental no desenvolvimento humano. Interações são definidas como todo tipo de contato entre pessoas ou populações, por exemplo, com trocas materiais ou informacionais. Defende a ideia, outrora proposta por Clive Gamble, segundo a qual as interações permitem ampliar o alcance individual e coletivo pela libertação da proximidade. Trata-se, portanto, de uma função central para a sobrevivência do grupo. Com esta abordagem, o autor propõe novas formas de analisar as relações entre objeto e indivíduo, cultura material e sociedade.

O problema central, comum a muitos trabalhos em arqueologia, consiste na multiplicidade do material, presente tanto nos vários tipos de vestígios encontrados nas escavações, quanto nas mais diversas escalas de estudo. Em frente a estas dificuldades, Knappett destaca as vantagens das redes para visualizar as interações e analisá-las. Constituem assim uma abordagem original e uma ferramenta de análise.

A primeira parte do livro (capítulos 1-3) é dedicada aos fundamentos do pensamento em rede, ou *network thinking*. O estudo das relações presente em um conjunto de elementos tem as suas raízes nas correntes da Nova Geografia e da Nova Arqueologia, e uma afinidade particular com as análises espaciais. Muitas destas abordagens, contudo, encontram dificuldades em manipular escalas: enquanto, na teoria dos sistemas, prevalece uma perspectiva de cima para baixo, com pouca importância dada às interações interpessoais, os estudos simbólicos, e de vida cotidiana, vão de baixo para cima e tem o problema inverso. Neste aspecto, Knappett destaca duas vantagens da análise das redes: transcender escalas e trabalhar tanto com indivíduos quanto com objetos.

Na segunda parte (capítulos 4-6), Carl Knappett procura demonstrar as potencialidades do estudo das redes com a análise da própria área de pesquisa, a Creta minóica (c. 3100-1100 BCE). Tenta, sobretudo, apontar para as mudanças que surgiram com o período palaciano. O autor adota uma tripla perspectiva, em micro, meso e macro escala. Para cada uma delas, trata os mesmos temas da produção, da distribuição e do consumo do material cerâmico, evidenciando as formas de analisar as modificações materiais e sociais. Nesta parte, Knappett apresenta e exemplifica conceitos teóricos fundamentais, como redes bimodais, pequeno mundo, relações fracas e análise de atributos qualitativos.

A terceira e última parte do livro (capítulos 7-9) se concentra nas razões pelas quais as interações ocorrem, e nas formas de estudá-las. O autor apresenta uma série de conceitos inovadores para abordar os vários tipos de interações que podem aparecer no registro arqueológico, fazendo pontes com outras disciplinas. Apresenta também as vantagens da análise das redes, e as suas fraquezas. Insiste, neste momento, nos riscos inerentes ao processo de categorização, quando o tipo se torna mais importante que o próprio objeto. Não raramente, a cultura material apresenta aspectos que escapam aos modelos estabelecidos ou, até mesmo, àqueles construídos em tempo real. As redes não escapam a esta situação, cunhada na palavra *meshwork*: ou seja, uma rede cujos elementos constitutivos têm a habilidade de escolher as próprias conexões em cada instante.

Carl Knappett não responde a todas as perguntas que envolvem o uso das redes em arqueologia, seja enquanto modelo teórico, perspectiva ou instrumento para análises. Carece também de uma descrição prática da metodologia a ser utilizada: os poucos exemplos práticos estão limitados a análises relativamente básicas do material proposto, nas quais as redes não representam um aporte particularmente edificante. Deixa de lado diversas formas de medir a dispersão dos objetos estudados, para se concentrar em mecanismos gerais. Entretanto,

considerando a inexistência geral de livros que abordam este tema, a importância do trabalho realizado não pode ser menosprezada.

No Brasil, as possibilidades de estudo das interações no registro arqueológico estão se ampliando de forma considerável nos últimos anos. No período colonial, três grandes matrizes populacionais provocam, naturalmente, as mais diversas formas de contato e de interações – pacíficas, comerciais, belicosas, etc. Na região Nordeste, em particular, a presença holandesa oferece outro caso emblemático. Em pré-história também, a diversidade dos vestígios permite uma análise dos possíveis contatos entre populações de sambaquieiros do Norte e do Sudeste, entre os autores das diversas tradições de grafismos rupestres ou, ainda, na dispersão dos povos tupi-guarani. Diversas áreas e linhas de pesquisas podem, assim, ser beneficiadas com mais uma ferramenta de estudo.

Apesar de alguns autores terem abordado o assunto de forma introdutória na década de 1990, a grande maioria dos artigos publicados data, no máximo, do ano de 2006. Entretanto, em paralelo aos trabalhos de grupos de pesquisa, entre os quais o famoso *Computer Applications in Archaeology* – CAA, a análise das redes está tomando maior importância nas pesquisas arqueológicas. Neste aspecto, o livro propõe uma abordagem mais teórica que prática, contrapondo os múltiplos estudos de casos publicados nos últimos anos em diversas revistas internacionais.

Esta publicação é destinada, primeiramente, aos pesquisadores que procuram uma abordagem diferenciada, capaz de dar conta das múltiplas interações que aparecem nos vestígios escavados. Embora careça de uma tradução em português, está também voltada para os estudantes em ciências sociais, pela natureza profundamente interdisciplinar da análise das redes. Enfim, os curiosos das ciências exatas encontrarão aqui também uma aplicação elaborada dos mais recentes conceitos e trabalhos publicados no portal arXiv.org da Universidade Cornell.